



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS CAMPOS CENTRO - IF FLUMINENSE
DIRETORIA DE ENSINO SUPERIOR DAS LICENCIATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS**

**CINTHIA PINHEIRO LISBÔA
RHAÍSA SAMPAIO BRETAS**

**A AULA DE PORTUGUÊS E O USO DAS TIC: DO MITO DA AULA
TECNOLÓGICA A POSSÍVEIS CAMINHOS**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
MARÇO – 2017**

**CINTHIA PINHEIRO LISBÔA
RHAÍSA SAMPAIO BRETAS**

**A AULA DE PORTUGUÊS E O USO DAS TIC: DO MITO DA AULA
TECNOLÓGICA A POSSÍVEIS CAMINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas do Instituto Federal Fluminense - *campus* Campos Centro, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciadas em Letras.

Orientador: Prof. Me. Ronaldo Adriano de Freitas

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
MARÇO – 2017**

Biblioteca Anton Dakitsch
CIP - Catalogação na Publicação

L769a Lisbôa, Cinthia Pinheiro
 A aula de português e o uso das TIC: do mito da aula tecnológica a
 possíveis caminhos / Cinthia Pinheiro Lisbôa, Rhaísa Sampaio
 Bretas - 2017.
 55 f. : il. color.

 Orientador: Ronaldo Adriano de Freitas
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Instituto Federal de
 Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, campus Campos Centro,
 Curso de Licenciatura em Letras, Campos dos Goytacazes, RJ,
 2017.
 Referências: f. 43 – 45.

 1. Aula. 2. Língua portuguesa. 3. TIC. 4 Ensino. 5. Infográfico.
 I. Bretas, Rhaísa Sampaio. II. Freitas, Ronaldo Adriano de, orient. III.
 Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFF
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CINTHIA PINHEIRO LISBÔA
RHAÍSA SAMPAIO BRETAS

A AULA DE PORTUGUÊS E O USO DAS TIC:
DO MITO DA AULA TECNOLÓGICA A POSSÍVEIS CAMINHOS

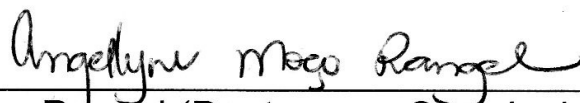
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português e Literaturas do Instituto
Federal Fluminense – *campus* Campos
Centro como parte das exigências para a
obtenção do título de Licenciado em Letras.

APROVADO EM: 06 / 04 / 17.

BANCA EXAMINADORA



Hélia Pereira Pinto Bastos (Doutora em Informática na Educação - UFRGS)
Instituto Federal Fluminense
Membro



Angellyne Moço Rangel (Doutora em Sociologia Política - UENF)
Instituto Federal Fluminense
Membro



Ronaldo Adriano de Freitas (Mestre em Estudos de Linguagem - UFF)
Instituto Federal Fluminense
Orientador

DEDICATÓRIAS

Às nossas famílias, por serem pontos brilhantes em nossas caminhadas.

Aos mestres e às mestras que tanto nos ensinaram e ajudaram em nossa formação.

Aos nossos ex, atuais e futuros alunos, pois são os verdadeiros motivadores desse trabalho e dessa busca de ensinar aprendendo e de aprender ensinando.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o nosso senhor, nos fortalece, que nos dá esperanças, e que, como forma de um cuidado e um carinho especial, coloca pessoas importantíssimas e amigas em nossas vidas.

A todos da nossa família, que nos apoiam com todo amor e carinho.

De forma mais específica, como Cinthia, dou graças à minha avó, à minha mãe, ao meu irmão, à minha cunhada e ao meu amor, Felipe Jean, por todo apoio e companheirismo.

Como Rhaísa, dou graças à Maria, Nossa Senhora, que sempre intercede por mim e me cobre com seu manto sagrado. Serei sempre grata por tudo à minha mãe, meu pai, aos meus queridos irmãos, meu padrasto e ao grande, no sentido denotativo e conotativo da palavra (grande), companheiro e marido, Rafael.

Às amigas, princesas “IFFeanas”, presentinhos que essa instituição nos deu, e aos demais colegas de classe que, até mesmo sem saberem, tanto contribuem para nossa formação.

À diretoria do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, à professora de língua portuguesa, Eva, e aos alunos do terceiro ano desse mesmo curso, pelo apoio e participação imprescindível nessa pesquisa.

Ao professor e orientador Ronaldo Adriano de Freitas por compartilhar saberes e por nos orientar nesse trabalho, levando-nos a refletirmos sobre as tecnologias na aula de língua portuguesa.

*A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.
(Jean Piaget)*

RESUMO

LISBÔA, Cinthia. BRETAS, Rhaísa. A aula de português e o uso das TIC: do mito da aula tecnológica a possíveis caminhos. Trabalho de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto Federal Fluminense – IFFluminense, 2017.

No século XXI, temos um perfil de sociedade que está cercada por tecnologias da informação e comunicação (TIC) em vários contextos, facilitando a vida do ser humano, porém é difícil perceber isso acontecer como atividade no cenário educacional. Como educadoras, desenvolvemos um trabalho em virtude dessa realidade. O objetivo geral dessa pesquisa é verificar a significância da tecnologia como aliada na aula de língua portuguesa. Procuramos constatar, utilizando uma aula, em uma turma de terceiro ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia, o IFFluminense, que é possível dialogar a tecnologia com uma aprendizagem centrada no aluno por meio da utilização da tecnologia para produção textual. Para isso, buscamos identificar o perfil desses discentes e compreender os seus posicionamentos em relação ao uso de tecnologia na aula de língua portuguesa; conhecer quais as atividades que vêm sendo desenvolvidas no ensino da língua portuguesa relacionadas ao uso das tecnologias num curso de Informática; propor uma atividade baseada nas considerações dos alunos e executá-la. A etapa final do trabalho foi a realização de uma aula cuja proposta foi elaborar um infográfico como roteiro para planejamento de um texto dissertativo-argumentativo. Demonstramos que é possível associar as TIC às atividades de uma aula de português, rejeitando o mito de que só ter os recursos tecnológicos é o suficiente, e apresentar caminhos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: aula; língua portuguesa; TIC; ensino; infográfico.

ABSTRACT

In the 21st century, we have a society profile surrounded by information and communication technologies (ICT) in various contexts, it makes the human life easier, but it's hard to see it happening as an activity in the educational scenario. As educators, we have developed a work by virtue of this reality. The general objective of this research is to verify the significance of technology as an ally in the Portuguese language class. We want to verify, through a class, in a third year class of the computer course of an Federal Institute of Science, Education and Technology the IFFluminense, that it is possible to dialogue technology with a learner-centered learning through the elaboration of a planning of text in Portuguese language. We sought to identify the student profile of 3rd year of the course and understand its position regarding the use of technology in the Portuguese language class; To know what are the possible significant activities of the teaching of the Portuguese language related to the use of the technologies in an Informatics course; propose an activity based on the students' considerations and execute it. The final stage of the work was the realization of a lecture whose proposal was to prepare an infographic as a script for planning a dissertational-argumentative text. This infographic should be about a possible writing theme of ENEM 2017. We demonstrate that it is possible to associate ICT with the activities of a Portuguese class, to leave the myth that only having the technological resources is the ideal, and to present dialogic paths that help the teaching-learning process.

Key words: classes; Portuguese language; ICT; teaching; infographics;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação das respostas discursivas dos alunos.....	22
Figura 2 - Lista dos possíveis temas do ENEM	33
Figura 3 - Página inicial do Canva.....	34
Figura 4 - Página de criação de Infográfico	34
Figura 5 - Alunos produzindo o infográfico.....	35
Figura 6 - Exemplo A de infográfico produzido	37
Figura 7 - Exemplo B de infográfico produzido	38

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Questionário para alunos do curso Técnico Integrado de Informática	47
Apêndice B - Respostas transcritas do questionário referentes à última pergunta ..	49
Apêndice C - Outros exemplos de infográficos produzidos pelos alunos	51
Apêndice D - Plano da aula realizada	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. O diferencial do curso de Informática.....	14
2. DESENVOLVIMENTO	16
2.1 Referencial teórico	16
2.2 Alunos, quais são seus interesses na relação ensino e tecnologia?.....	21
2.3 Uma proposta de aula	23
3. A AULA COMO FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO	25
3.1 O que é interessante: aula ou tecnologia?	26
3.2 O mito da aula tecnológica: desconstruindo e apontando para novos caminhos	27
3.3 Gêneros textuais: (novas) práticas sociais, (novos) textos.....	30
3.4 Nossa aula	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	46

1. INTRODUÇÃO

Não faz muito tempo que o telegrama, o jornal impresso, a revista impressa, o livro, apareciam como textos tecnológicos por excelência e permitiam, com maestria, a comunicação através da linguagem verbal e escrita, hoje eles já não têm mais tanto espaço nas mídias; o que prevalece são os notebooks, smartphones, tablets, ipads, entre outros equipamentos. As ferramentas utilizadas, em diversas áreas da sociedade, cada vez mais se atualizam. Temos caixas eletrônicas, e-bankings, sites de buscas, uma infinidade de aplicativos para diversas atividades, fast-foods, cirurgias com precisão milimétrica, dentre outros mecanismos.

E a sala de aula? O contexto do ambiente escolar permanece com poucas alterações desde a difusão do ensino escolar. Em algumas aulas há a presença de recursos didáticos mais avançados, em que se utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por exemplo, mas, na maioria das vezes, a relação professor-aluno e a forma de dar aula se assemelham à do modelo tradicional.

É um cenário em que a formação do aluno depende do quanto ele tem de informação adquirida e domina os conhecimentos consolidados, não há atividades práticas, o professor é o guia do processo educativo e as aulas em geral são expositivas. Nesse trabalho, temos o objetivo de demonstrar que, apesar da tecnologia ser uma opção, ela não é uma solução por si só e nem detentora de todas as respostas para o problema educacional na práxis docente.

Estamos nos formando como professoras no séc. XXI, em um curso de licenciatura em Letras, que tem como uma de suas “grandes cinco pretensões”: “formar professores que saibam se valer das TIC não apenas de forma pré-textual ou pseudo-contemporânea, mas também como instrumental motivador e eficiente do processo de ensino-aprendizagem.” (DIRLIC-IFFluminense, nd, np). Justificamos assim a nossa preocupação em abordar a aula de língua portuguesa dentro dessa temática informacional, e buscamos, como o objetivo geral dessa pesquisa, verificar a significância da tecnologia como aliada na aula de língua portuguesa.

Quisemos constatar, por meio de uma aula, em uma turma de terceiro ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFFluminense, que diferença o diálogo com a tecnologia e a interação da aprendizagem centrada no aluno pode fazer em uma elaboração de um planejamento de texto em língua

portuguesa. Os objetivos específicos para que essa constatação fosse feita foram: a) identificar o perfil do aluno de 3º ano do curso e compreender os posicionamentos dos alunos em relação ao uso de tecnologia na aula de língua portuguesa; b) conhecer quais são as possíveis atividades significativas do ensino da língua portuguesa relacionadas ao uso das tecnologias num curso de Informática; c) propor uma atividade baseada nas considerações dos alunos; d) executar a atividade em sala de aula e registrar o possível *feedback* dos alunos.

Nosso local de formação também é o nosso campo de pesquisa: IFFluminense *campus* Campos-centro, como mencionado acima. Por ser um instituto tecnológico, pensamos que seria um local com condições propícias para o nosso tema e, por isso, investigamos, nele, o uso de tecnologias em uma aula de língua portuguesa. No instituto, os cursos de Ensino Médio são integrados aos Técnicos e, para delimitarmos ainda mais nosso objeto de estudo, escolhemos o curso Técnico de Informática. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia é uma instituição de educação superior, básica e profissional que trabalha com a oferta da educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino.

O Parecer CNE/CEB Nº 39/2004 do MEC institui a articulação entre a Educação Profissional Técnica de nível médio e o Ensino Médio. Uma delas é a modalidade integrada:

(Inciso I do § 1º do Artigo 4º): oferecida somente a quem já tenha concluído o Ensino Fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno. A instituição de ensino, porém, deverá, ampliar a carga horária total do curso, a fim de assegurar, simultaneamente, o cumprimento das finalidades estabelecidas para a formação geral e as condições de preparação para o exercício de profissões técnicas. (MEC, 2004, p.5)

Alguns princípios filosóficos e teórico-metodológicos que norteiam a prática acadêmica na instituição, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (IFFluminense, 2014) são: a) o processo educativo deve primar pela superação do caráter compartimentado e dicotômico existente que separa homem/cidadão; teoria/prática; ciência/tecnologia; saber/fazer; b) a crescente difusão e utilização das tecnologias da informação e comunicação como ferramenta de democratização do conhecimento; e c) o reconhecimento da realidade e da experiência do aluno e da

contribuição que suas experiências podem trazer para o processo de construção do conhecimento.

Pierre Lévy (1993) salientava desde a década de 1990, ou seja, há mais de 25 anos, as mudanças na sociedade provocadas pelas TIC:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. (LÉVY, 1993, p.7)

Faz-se necessário, então, que a educação dialogue com essas transformações. Optamos pelo IFFluminense, porque ele tem estrutura e vocação para dialogar com as transformações referidas por Lévy. Se houver, atualmente, uma afirmação de que o Instituto Tecnológico, nosso campo de pesquisa, não tem objetos tecnológicos para usar, trabalhar, ela, provavelmente, é inverídica. Nas salas de aula, por exemplo, alguns objetos educacionais não são mais os mesmos. O quadro negro, o giz, foram substituídos por quadros de vidro com televisões e data show, as enciclopédias físicas caíram em desuso em relação à frequência de pesquisa na internet, os celulares estão no meio das aulas, os grupos de aplicativos de redes sociais estão dando lugar às agendas.

O modelo educacional, entretanto, em muitas realidades, continua o mesmo: professor detentor do saber, na frente da sala, trabalhando somente com aulas expositivas. À vista disso, citamos, no começo de nosso trabalho, que a escola não mudou muito desde a difusão do ensino escolar. Embora os objetos tenham sido modificados, como aconteceu na realidade do IFFluminense, os modos de ensinar e o de aprender, ainda não foram totalmente transformados e seguem, muitas vezes, sem estabelecer um diálogo com esses mesmos objetos tecnológicos que, agora, estão presentes na sala de aula. Um estudante de um curso de Informática, que é parte do nosso recorte da pesquisa trabalha com inúmeras ferramentas informacionais em suas aulas técnicas, mas quando chega a hora da aula de língua portuguesa, não consegue fazer relação de textos, hipertextos, entender que a aula de língua portuguesa pode ser dada utilizando esses tipos de objetos.

Segundo Selma Pimenta (2005), a atividade teórica, por si só, não leva à transformação da realidade e a prática também não fala por si mesma, ou seja,

teoria e prática são indissociáveis como práxis. Entendemos que a prática docente deve ser interligada com a realidade vivida pelo discente, principalmente, quando o curso em que são ministradas essas aulas, o Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, também tem como interesse o trabalho com as tecnologias. Não basta, todavia, somente usar programas de apresentações gráficas para explicar sobre gêneros textuais, por exemplo, o uso das tecnologias tem de ser significativo. É importante mudar a maneira de dar a aula, pensar em alunos que são nativos digitais¹.

Com o entendimento de que a Teoria da Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 1976) é o processo por meio do qual um novo conhecimento se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, pode-se afirmar que o conhecimento prévio trazido pelo estudante interage de forma significativa com o novo conhecimento e provoca mudança na estrutura cognitiva já existente. Tal mudança ou assimilação passa a ser chamada de aprendizagem significativa e está focada na aquisição e na retenção do conhecimento anteriormente adquirido. (SILVA e SCHIRLO, 2014, p.42)

Entendemos que os conhecimentos prévios dos discentes estão relacionados, mesmo que involuntariamente, às TIC e vão ter um novo sentido quando a aula estiver propondo atividades que as envolvam (não somente como suporte). A interação de informações anteriores, advindas da realidade digital do aluno, com assuntos novos, também ligados a essa vivência tecnológica, provoca mudanças cognitivas e faz com que o aluno aprenda de maneira significativa.

Visamos, com a nossa pesquisa, provocar no aluno a aprendizagem explicitada no parágrafo anterior. Por isso, é importante também ressaltar a diferença entre a teoria “significativa” e a “mecânica”, definidas por David Ausubel (1976) apud Silva e Schirlo (2014). Enquanto a primeira está ligada a conhecimentos prévios que farão sentido se associados a conceitos novos, a última ocorre quando não há modificação na estrutura cognitiva, não promovendo, assim, a interação com que já está armazenada às novas informações. O estudante que tem uma aprendizagem mecânica decora os conceitos e logo os esquece e essa, certamente, não é a que buscamos como resultado de nossa aula.

¹Termo utilizado por Mark Prensky para mencionar a geração que cresceu cercada por tecnologia (ver mais na página 22).

Em busca de uma aprendizagem significativa, quisemos propor e executar uma aula de Língua Portuguesa com o uso das tecnologias no curso Técnico Integrado de Informática. Existem poucos estudos acadêmicos que relacionam as metodologias de ensino da língua portuguesa com as ferramentas tecnológicas. Considerando que a escola é um ambiente formador de cidadãos, esse estudo também possui relevância social e uma reflexão sobre a maneira pela qual julgamos a informática como tecnologia da inteligência, do conhecimento.

Para verificarmos a significância da tecnologia como aliada na aula de língua portuguesa, utilizamos a metodologia que consistiu em: 1) pesquisa bibliográfica sobre gênero textual, tecnologias da inteligência, informação e comunicação em relação à educação e sequência didática do ensino de LP e LB; 2) aplicação de questionário e interpretação dos dados; 3) análise e discussão sobre os resultados encontrados no questionário, e 4) apresentação e execução de um plano de aula de Língua Portuguesa que dialogue com os recursos tecnológicos da área de informática.

1.1 O diferencial do curso integrado de Informática

Escolhemos conduzir parte da nossa pesquisa pela consideração do estudante do terceiro ano acerca da influência da tecnologia na sua aula de português. Foram aplicados questionários com a finalidade de investigar se o estudante de terceiro ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio teve ao longo do curso aulas de português que utilizam as TIC. Considerando que a tecnologia está presente na sociedade, principalmente na vida dos nativos digitais, perguntamos se o ensino de língua portuguesa estabelece diálogo com essa realidade, com o uso de ferramentas tecnológicas nas metodologias de ensino, principalmente em um curso que na sua área técnica trata disso o tempo inteiro.

O Projeto do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFFluminense (2012) destaca que a economia mundial tem se transformado a cada dia por conta da introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, a formação profissional deve estar contextualizada com o mundo contemporâneo, isso evidencia a necessidade de que o aluno saia do curso com uma sólida formação geral e uma boa educação profissional, além de haver uma integração total entre as disciplinas comuns do Ensino Médio e a específicas do curso.

Analisando que esta pesquisa apresenta essas considerações, é possível se induzir que, por se tratar de um curso de Ensino Médio Integrado de Informática, o ensino de língua portuguesa utilize ferramentas tecnológicas na sala de aula, pois elas fazem parte do processo de comunicação e empregam a língua. Nas ferramentas informacionais, os gêneros textuais podem ser amplamente trabalhados, pois são ações sociocomunicativas e, se as modificações no mundo informatizado são incessantes, as metodologias e o modo de ensinar e aprender também devem ser modificados, atualizados e situados em relação aos gêneros textuais que surgem e modificam acompanhando as situações comunicativas do homem, da sociedade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico

Embasamo-nos, primeiramente, em Lévy (1993) e sua grande contribuição para os estudiosos da ciência da informação, da tecnologia na educação, dentre outros. Ele teoriza sobre três tempos do espírito (a oralidade primária, a escrita e a informática) e nos mostra a importância das tecnologias da inteligência, que advêm desde o saber oral, escrito até o informatizado e nos mostra que todos são tecnológicos. Desde a oralidade primária na qual a inteligência está ligada à memória, sobretudo a auditiva, passando pela escrita, importantíssima tecnologia que faz a história ser um efeito provocado por ela, até chegar à rede digital, as tecnologias intelectuais misturam-se à inteligência do homem.

A escrita, por exemplo, serviu por um lado para sistematizar, gradear ou enquadrar a palavra. Por outro lado, ela inclinou os letrados a ler o mundo como se fosse uma página. Assim como a escrita molda a maneira de se comunicar, a tecnologia também é outra forma de ampliar as interlocuções das pessoas (Lévy, 1993, p. 71).

Hoje, a tecnologia digital possibilita outras formas de produção de textos, os hipertextos, que permitem a articulação da escrita, da oralidade, do som e da imagem, tudo no mesmo suporte. Elas demonstram como hoje nos comunicamos e, enquanto o fazemos, vamos simultaneamente modificando os nossos modos de ver, de ler e de aprender.

Os sistemas cognitivos humanos podem então transferir ao computador a tarefa de construir e de manter em dia representações que eles antes deveriam elaborar com os fracos recursos de suas memórias de trabalho, ou aqueles, rudimentares e estáticos do lápis e papel.(LÉVY, 1993, p. 40)

Concordamos ainda com Lévy e também entendemos que no contexto de formação, em um instituto de formação tecnológica, local de nossa pesquisa, as aulas que trabalham gêneros textuais por meio da tecnologia e hipertextos, devem favorecer, de várias maneiras, um domínio mais rápido e mais fácil dos conteúdos do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual.

Além dos grandes três tempos, teorizados por Lévy, os conceitos de cibercultura e ciberespaço (LÉVY, 1999, p.17) são centrais em sua obra. A

cibercultura está relacionada a todos os aspectos, e a todas as histórias que vivenciamos hoje provocadas pelos avanços tecnológicos das telecomunicações. O termo ciberespaço, que não está somente limitado a infraestrutura material da comunicação digital, abriga um infinito universo de informação e também os seus usuários.

Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica-se aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

Queremos apontar, nesse sentido, que estamos passando, surpreendentemente, há anos, por um processo de universalização da cibercultura, no qual estamos imersos na tecnologia, mas ainda não a vivenciamos completamente nas salas de aula. Baseamo-nos nas teorias de Lévy, pois ele defende a construção de um modelo educacional diferente para ser executado.

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em 'níveis', organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes 'superiores', a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se organizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 158)

Na cibercultura, as situações comunicativas mudaram. O trabalho com a língua e suas situações comunicativas acontece desde os anos 60, quando surgiram a Linguística de Texto, a Análise Conversacional e a Análise do Discurso. Marcuschi (2004) retoma isso por meio da teoria de gêneros textuais, mas a abordagem dessa teoria relacionada ao domínio da mídia virtual é mais recente e carece de trabalhos. O autor defende que na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo e há variados gêneros que emergem nessa nova tecnologia, sendo que a maioria deles tem similares em outros ambientes, na forma oral e escrita.

O avanço da tecnologia possibilita uma reestruturação dos modos de empregar a linguagem verbal, o que desafia o docente a possibilitar aos alunos o acesso a esse conhecimento, como afirma Pelandré et al. (2011):

O desenvolvimento dos meios de comunicação e as mudanças por que passa a sociedade tornam-na cada vez mais grafocêntrica, e o avanço dos recursos tecnológicos de comunicação (web, internet) impõem novos modos de uso da linguagem verbal, o que constitui desafio ao trabalho docente no sentido de possibilitar que os alunos tenham acesso a esse conhecimento e possam assim participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita. (PELANDRÉ et al. , 2011, p.25)

Segundo Silva (2003) apud Pelandré et al. (2011), o ensino de Língua Portuguesa e Literatura deve considerar a forma com que o avanço tecnológico vem propiciando novos modos de sentir, de ver e de pensar as realidades vivenciadas. Há o desafio de incorporar a internet no ensino:

A internet chegou às escolas e temos outro desafio: incorporá-la como ferramenta imprescindível de acesso à informação e à produção de conhecimento. Afinal, nesse meio encontram-se instrumentos básicos de trabalho, de desenvolvimento social, de participação política, além de possibilitar o domínio de competências capazes de proporcionar práticas de letramento contínuo, entendidas como atividades estruturantes do “pensamento-linguagem” e da cultura. (SILVA, 2003; apud PELANDRÉ et al., 2011,p.31)

Em virtude de todas as questões ligadas ao ensino em um contexto informatizado, muitas perguntas em relação ao professor, ao modo como ele ensina, surgem. Libâneo (2001) já abordava o reconhecimento dos impactos das atuais transformações econômicas, políticas, sociais, e culturais na educação e no ensino, levando a uma reavaliação do papel da escola e dos professores, pois, por mais que essas personagens sejam afetadas pelas invenções tecnológicas, elas mantêm-se como instituições necessárias à democratização da sociedade.

Nessa escola haverá lugar para o professor? Sem dúvida. Não só o professor tem o seu lugar, como sua presença torna-se indispensável para a criação das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas variadas de intervenção educativa urbana a valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor. (LIBÂNEO, 2001, p.12)

Segundo o autor, as novas exigências educacionais demandam um perfil de professor que seja capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno e dos meios de comunicação. Para isso é preciso, adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para

saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias. O pesquisador destaca ainda alguns pontos que sinalizam um posicionamento sobre as novas atitudes docentes diante das realidades do mundo contemporâneo, dentre eles temos:

1. Assumir o ensino como mediação: aprendizagem ativa do aluno com a ajuda pedagógica do professor. (...)
2. Conhecer estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender. (...)
3. Persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a apreender as enfocadas nos conteúdos escolares crítico-reflexiva. (...)
4. Assumir o trabalho de sala de aula como um processo comunicacional e desenvolver capacidade comunicativa. (...)
5. Reconhecer o impacto das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula (televisão, vídeo, games, computador, internet, CD-ROM etc.). (LIBÂNEO, 2001, p.12)

Há uma importante mudança na aprendizagem quando o aluno participa desse processo e o docente contribui para que isso aconteça. Há uma grande diferença entre o professor tradicional e o professor facilitador da aprendizagem:

O professor tradicional – o bom professor tradicional – pergunta-se questões deste tipo: “O que acho que seria bom para um estudante aprender, nesta idade e nível de competência específicos? Como posso preparar para ele um currículo adequado? Como posso inculcar-lhe motivação para aprender este currículo? Como posso instruí-lo de maneira tal que conquiste o conhecimento que deveria conquistar? Qual a melhor maneira de formular um exame que permita ver se esse conhecimento foi realmente apreendido?”.(ROGERS, 1959 apud ZIMRING, 2010, p. 63)

A mentalidade do bom professor “tradicional” trabalha com o desejo da aprendizagem de seu aluno. Na sala de aula atual, entretanto, até mesmo esse bom professor encontrará dificuldades, pois seus alunos serão aqueles conectados à rede, nascidos na cibercultura, que talvez não se interessem em ter sempre uma aula exclusivamente transmissora de conteúdos, que pode conter uma didática estática e estanque. Partimos da premissa que, fazendo uso de uma “didática cibercultural”, de uma práxis, que está presente no ciberespaço e que faz uso da cibercultura, ainda que esporadicamente, durante um bimestre ou semestre, essa aprendizagem de língua portuguesa ou de outras matérias possa ser facilitada. Em algumas situações é preciso contar com um professor que vai além do desejo de ver

no aluno um conhecimento apreendido e que instiga o discente a, por meio de atividades com tecnologia informacional, entender, estabelecer comparações, ter a aprendizagem facilitada.

O facilitador da aprendizagem, por outro lado, formula questões como as seguintes, não a si mesmo, mas aos estudantes: – O que querem aprender? Quais são as coisas que os deixam intrigados? Sobre o que é que têm curiosidade? Quais os assuntos que os preocupam? Quais os problemas que gostariam de resolver? – Quando ele ou ela já tem as respostas para estas perguntas, formula outras questões: – Agora, como posso ajudá-los a encontrar os recursos – as pessoas, as experiências, as facilidades de aprendizagem, os livros, o conhecimento que eu detenho – que os ajudarão a aprender por maneiras que forneçam respostas às coisas que os preocupam, as coisas que estão ávidos por aprender? – E depois, mais tarde: – Como posso ajudá-los a avaliar o seu próprio progresso e fixar objetivos de aprendizagem futuros, baseados nessa autoavaliação? (ROGERS, 1959 apud ZIMRING, 2010, p. 64)

Entendemos que o professor facilitador da aprendizagem vai formular questões, vai buscar planos de aula que dialoguem com as TIC, que são realidade para o aluno de hoje. Sabemos que a realidade de Rogers era totalmente diferente da nossa; o contexto da sua época de escrita era o de uma educação muito tradicional, o aluno não tinha vez e nem voz. Então, analisando, superficialmente, o cenário da prática atual da educação brasileira em que temos perfis de alunos e professores diferenciados, certamente, não podemos somente perguntar aos discentes o que eles querem aprender. É necessário que o professor facilitador faça duas coisas: ouça o aluno, mas ofereça coisas novas e relacionadas ao seu conteúdo programático. Em seus planejamentos de aula, esse profissional trabalhará com conteúdos programáticos para seu ano e curso, deverá ouvir seu aluno e, como um meio de facilitar a aprendizagem, poderá usar as TIC.

A aula de língua portuguesa precisa dialogar com a realidade, utilizar, nas atividades possíveis, propostas que usam as tecnologias da informática como uma maneira que poderá auxiliar na aprendizagem do aluno. Antes de tudo isso, temos de entender, porém, que há um caminho para ser trilhado: a mudança de uma postura excessivamente tradicional. Pensamos em referenciar-nos em relação ao professor e ao seu papel na sala de aula, mas, e o aluno? Quais são os seus pensamentos em relação a aprender a língua, em uma sociedade cibercultural, utilizando tecnologias? Para entendermos os alunos, principais motivadores de nossa pesquisa, decidimos fazer alguns questionamentos para eles.

2.2 Alunos, quais são seus interesses na relação ensino e tecnologia?

Como um princípio norteador da nossa pesquisa, que visou a aprendizagem voltada para o aluno, elaboramos um questionário com sete questões. Em agosto de 2016, os questionários foram aplicados para os alunos da turma de terceira série do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFFluminense e seguem no Apêndice A desse trabalho.

Os alunos em questão pertencem à geração dos *nativos digitais*. Segundo Prensky (2001), os alunos não nasceram para estudar no sistema educacional da tarefa escrita no quadro, da cópia no caderno de linhas com a caneta e o lápis, sentados todos enfileirados em uma cadeira de madeira. Os estudantes mudaram radicalmente. Eles passaram toda a sua vida até chegarem ao terceiro ano – que é a nossa faixa de análise – cercados de videogames, máquinas fotográficas, telefones celulares, brinquedos e ferramentas da atual fase dos recursos digitais. Todas essas situações interferem no processo de ensino-aprendizagem. Nosso público de trabalho é de uma geração diferente que deve ser chamada e, principalmente, compreendida como nativos digitais.

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet. (PRENSKY, 2001, p.1)

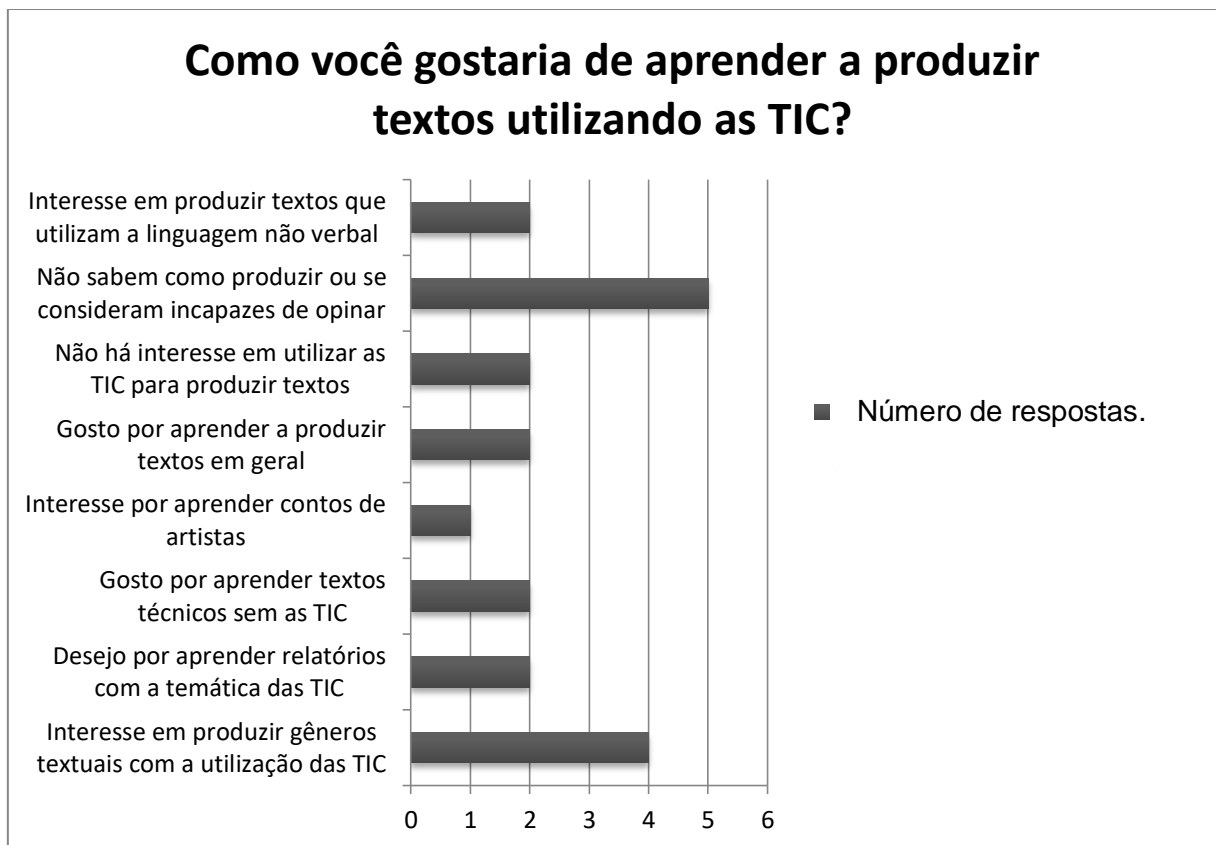
Esse era o perfil de alunos que “obviamente” estávamos esperando, porém, ao analisarmos as respostas dos questionários, as nossas expectativas foram contrariadas. Encontramos discentes que não se mostravam interessados, desconheciam, ou até achavam impossível o uso das TIC na sala de aula de português, provavelmente, pelo fato de que não vivenciaram isso no curso.

A maioria dos alunos do terceiro ano do curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio tinha a faixa etária entre 17 a 18, isso nos apontava uma possível familiaridade com as TIC no dia a dia. Dois alunos, porém, responderam que raramente as utilizam. Isso nos chamou atenção devido à natureza do curso que escolheram e ao turbilhão de instrumentos tecnológicos digitais que caracterizam o momento atual.

De acordo com os resultados (veja exemplo de respostas no Apêndice B), podemos perceber que grande parte dos alunos considera insuficiente ou regular o uso das TIC nas aulas de língua portuguesa. Isso nos mostra que há pouco diálogo entre essas linguagens na sala de aula. A integração da disciplina língua portuguesa com as disciplinas específicas costuma não acontecer, isso pode ser afirmado com base no grande número de respostas negativas: em um total de 22 alunos, onze disseram que raramente ocorre e seis que nunca ocorre esse tipo de integração.

Em relação às respostas discursivas dos alunos, agrupamos as opiniões dos discentes e explicitamos na figura abaixo.

Figura 1 – Representação das respostas discursivas dos alunos



Fonte: produção das autoras

A partir dessa última pergunta, começamos a nos indagar: como nativos digitais não têm interesse em utilizar as TIC para a aprendizagem?; por que eles seriam “incapazes” de opinar sobre algo que eles utilizam? (Ou não?); por que há esse desinteresse em relação à produção textual utilizando as TIC? Começamos, então, a partir de uma negativa surpreendente, a entender que há um mito na sala

de aula tecnológica. Se há um não conhecimento, uma opinião contrária sobre aquilo que mais faz parte do dia a dia deles, é porque não há realmente um trabalho interligando o uso de aplicativos, redes sociais, celulares com as produções textuais, ao ensino de gêneros nas aulas de língua portuguesa.

2.3 Uma proposta de aula

Com base nas respostas que foram encontradas nos questionários, decidimos fazer uma aula que procurasse despertar o interesse dos alunos e mostrasse que é possível aprender a língua portuguesa utilizando as TIC.

Por se tratar de uma turma de terceiro ano, relacionamos essa aula com o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O exame surgido em 1998 é a principal prova do país, pois possibilita o ingresso em diversos cursos de várias instituições de ensino, públicas ou privadas. A nota pode ser utilizada para o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), entre outros. Até o presente momento, o exame tem dois dias de prova. No primeiro, o aluno deve responder 90 questões objetivas com a duração de 4h30min (nas áreas de Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias), já no segundo dia, são 90 questões (nas áreas de Matemática e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias) mais a produção de uma redação dissertativo-argumentativa, que, em geral, possui como tema assuntos atuais.

Para otimizar o tempo e melhor desenvolver a redação dissertativo-argumentativa, é necessário fazer um planejamento de texto. O texto dissertativo se caracteriza pela defesa de uma ideia, de um ponto de vista, pelo questionamento acerca de um determinado assunto. O autor de um texto dissertativo deve trabalhar com fatos, com dados, que utiliza para reforçar ou justificar o desenvolvimento de suas ideias. Desse modo, concordamos com Cunha (2013) “O primeiro passo na produção de textos argumentativos deveria ser a elaboração de um roteiro, de um planejamento de texto.” A partir de um planejamento, o texto tende a ser mais fluído, coerente e coeso à sua tese.

Para fazer o concatenamento do objetivo principal desse trabalho, que é verificar a significância da tecnologia como aliada na aula de língua portuguesa, a aula teve por objeto a elaboração de um gênero textual virtual: o infográfico, que

contém elementos verbais e não verbais e que podem ser organizados de maneira dinâmica. Para Caixeta (2005), infográfico:

É uma forma de representar informações técnicas como números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser sobretudo atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço. Normalmente utilizado em cadernos de Saúde ou Ciência e Tecnologia, em que dados técnicos estão mais presentes, o infográfico vem atender a uma nova geração de leitores, que é predominantemente visual e quer entender tudo de forma prática e rápida. Segundo pesquisas, a primeira coisa que se lê num jornal são os títulos, seguidos pelos infográficos, que, muitas vezes, são a única coisa consultada na matéria. (CAIXETA, 2005, p.1 apud CALEGARI e PERFEITO, 2013, p. 295)

As vantagens de se trabalhar com esse gênero vêm sendo relatadas, pois ele tudo tem a ver com a proposta do ciberespaço, do cibercultural, da onda de informações, podendo servir como base para o aluno escrever, na(s) hora(s) necessária(s), outro tipo de produção textual. Nele, o aluno planejará seu texto, organizará suas ideias, escolherá estatísticas para argumentar e defender sua tese, por exemplo. O infográfico é um gênero que atende bem a estrutura e o objetivo dessa e de várias outras aulas:

Esse recurso é ótimo para descrever processos (como um acidente de avião aconteceu, como um vírus ataca o corpo, como é a órbita de um planeta, como dar um nó na gravata), para fazer analogias (de tamanho, de tempo, de espaço) e para explicar coisas que são grandes demais (galáxias, constelações) ou pequenas demais (células, partículas subatômicas). (SCALZO, 2004, p. 75 apud MÓDOLO, 2005, p. 5)

Ao desenvolver um tema de redação, uma opinião deve ser defendida a respeito dele (tese) e esta deve ser pautada com o uso de argumentos consistentes, por fim, deve ser apresentada uma proposta de intervenção para o problema apresentado no desenvolvimento do texto. Com a utilização de possíveis temas de redação do ENEM 2017 e a partir da escolha do tema, o aluno poderá buscar mais informações, argumentos, dados, exemplos para elaborar um infográfico que servirá como um planejamento do texto.

Como justificativa para o uso desse gênero textual, nos pautamos na terceira competência avaliada no manual de redação do MEC/INEP (2012): a forma como o aluno seleciona, relaciona, organiza e interpreta informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa do ponto de vista defendido como tese. Com isso,

pretendemos que o aluno utilize as TIC como ferramenta que auxilia no processo ensino-aprendizagem.

3. A AULA COMO FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

Ao longo de nossa trajetória estudantil, ouvimos frequentemente, expressões do tipo: “vamos à aula”, “você tem que ir à aula”, “a aula dele é boa”, “essa aula é chata”, “detesto a aula daquele professor”, entre outras. Mas, afinal, o que é a aula? Em busca do conceito de aula, nos deparamos com diversos significados no Google que convergiam para a exposição sobre determinada área de conhecimento, feita por um professor e dirigida a um ou mais alunos. Sabemos que esse conceito de aula apresentado nessa ferramenta de pesquisa não é científico, porém, nos remete ao senso comum, que compreendemos ser similar à concepção que o aluno do ensino médio tem e, por isso, a exploramos. Nessa aula expositiva, empregada em muitas escolas, o professor continua sendo o detentor do saber e o aluno, o receptor. Nessa visão, não são consideradas as possíveis interferências presentes no processo de ensino-aprendizagem.

Libâneo (2013), entretanto, mostra que a aula não é e nem deve ser somente uma exposição. Portanto, devemos entender a aula como:

o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos. Em outras palavras, o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula. (LIBÂNEO, 2013, p.195)

Considerando que a realização de uma aula faz parte de uma sequência didática, ou seja, etapas ligadas entre si para atingir um objetivo (LIBÂNEO, 2013), pensamos em elaborar uma sugestão de metodologia com a aprendizagem centrada no aluno. O trabalho de um professor deve ser uma atividade intencional, planejada, por isso, iremos elaborar um plano de aula com o objetivo de que nossos alunos aprendam de maneira significativa em uma aula de língua portuguesa que utiliza a tecnologia.

Optamos por fazer uma aula seguindo alguns passos didáticos sugeridos por Libâneo (*ibid.*). Os passos didáticos foram os seguintes:

- Preparação e introdução da matéria.
- Desenvolvimento da matéria com problemas, orientações e perguntas.
- Aplicação de atividade.
- Avaliação.

É necessária uma preparação do professor em relação ao conteúdo: uma seleção e organização de informações de forma coerente, para que seja ministrado de forma que situe o aluno em relação ao que se pretende na aula, visando criar condições de estudo e a introdução do assunto.

O assunto da aula foi abordado com mais profundidade durante o seu decorrer utilizando exemplificações, orientações e perguntas. Após esse desenvolvimento, houve a aplicação de uma atividade que será a criação de um infográfico como planejamento de texto, a fim de avaliar o que foi trabalhado naquele dia e analisar se a aprendizagem foi significativa em relação aos conteúdos e às formas de se planejar um texto dissertativo-argumentativo.

3.1 O que é interessante: aula ou tecnologia?

Assim como em diversas áreas da sociedade, a tecnologia é uma ferramenta facilitadora e na educação ela também deve ter essa função. Nossa hipótese é a de que não é a tecnologia que vai tornar a aula interessante, mas é a aula interessante que vai fazer com que a tecnologia seja bem utilizada e tenha significância, pois ela sozinha não se sustenta.

O papel da tecnologia, em nossas salas de aula, é o de oferecer suporte ao novo paradigma de ensino. Isto é, o papel da tecnologia – e seu único papel – deveria ser o de apoiar os alunos no processo de ensinarem a si mesmos (obviamente com a orientação de seus professores). A tecnologia não apoia – nem pode apoiar – a velha pedagogia do professor que fala/palestra, exceto em formas mínimas, tais como através da utilização de imagens ou vídeos. Na verdade, quando os professores usam o velho paradigma de exposição, ao adicionarem a ela a tecnologia, ela com muito mais frequência do que o desejado se torna um empecilho. (PRENSKY, 2010, p.2)

Um dos papéis do professor do séc. XXI não é o de apenas ser um detentor e transmissor do conhecimento, como outrora acontecia, e sim um mediador e instigador que desperta no aluno a construção do conhecimento. A tecnologia traz

muitas informações ao mesmo tempo, é preciso que o professor direcione, guie e possibilite um melhor aproveitamento das informações advindas de sites na web.

As respostas discursivas dos questionários aplicados nos mostraram que os alunos do terceiro ano do curso Técnico de Informática estavam cansados em relação à utilização das TIC no ambiente escolar como apenas um suporte. Buscar como aliá-las ao ensino de forma atraente seria de extrema importância. Os recursos tecnológicos são muito bem-vindos para os discentes como forma de lazer, mas eles ainda têm dificuldade de enxergá-los da mesma forma em uma sala de aula. Talvez porque as TIC são usadas de forma mítica e não especificamente como atividade proposta.

Quisemos mostrar a possibilidade de integrar a tecnologia no ensino de língua portuguesa de forma atrativa e também esclarecer que, apenas a nossa proposta, não é a solução para os problemas enfrentados na educação. Nossa proposta não apresenta uma missão salvífica educacional, mas uma tentativa de contribuir para uma melhora na relação de ensino-aprendizagem de um ensino médio de um instituto federal de ensino, ciência e tecnologia.

O infográfico foi a ferramenta que nos auxiliou a integrar a produção textual com as TIC, ou seja, faremos a tentativa de inserirmos na aula de língua portuguesa uma proposta que realmente utilize um gênero textual da cibercultura como atividade. Buscamos associar as TIC com o ensino de planejamento de texto dissertativo-argumentativo, por meio da produção de um infográfico, em um laboratório de informática.

3.2 O mito da aula tecnológica: desconstruindo e apontando para novos caminhos

Falar de aula de língua portuguesa tecnológica é escrever sobre interatividade, polifonia, revolução informacional, computadores, aplicativos, redes sociais, letramento digital, entre outras coisas. Essas questões podem até parecer estar superadas, pois há muitas discussões sobre esses assuntos. Entretanto, ao ouvirmos os alunos do IFFluminense, do curso Técnico em *Informática*, não encontramos essa superação em seus discursos.

Usar as TIC na sala de aula está previsto em um dos grandes documentos que norteiam a educação brasileira, os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Logo em sua apresentação, os PCN do Ensino Médio (2000) propõem delimitar a área “Linguagens, Códigos e suas *Tecnologias*”(grifo nosso). Seguinte a apresentação, o documento coloca o capítulo *O sentido de aprendizado na área*, que tem como uns dos itens: entender os princípios das tecnologias da comunicação e informação, associá-las às linguagens que lhe dão suporte e aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola.

"As tecnologias da comunicação e da informação e seu estudo devem permear o currículo e suas disciplinas." (BRASIL, 2000, p. 12). É clara e objetiva a proposta documental para a educação brasileira quanto ao uso das TIC nas aulas. O que não é convincente, entretanto, singularmente à nossa pesquisa, é a possibilidade dessa proposta ser praticada.

O mito da aula tecnológica, que acontece realmente na sala de aula, consiste na situação do professor ter uma lousa digital, um computador para usar, uma televisão no lugar do quadro negro, slides no lugar das folhas de transparência, mas não haver interação nenhuma com e dos alunos. É mítico considerar que ao usar um recurso da tecnologia da informática o docente ministre uma aula tecnológica.

A aula do professor não será ideal se ele somente utilizar as ferramentas digitais, mas sim, além de utilizar, pensar propostas de aula em que elas sejam atividades. A questão é que o tecnológico só está no suporte, mas não está na maneira de dar aula, de perguntar e responder, esquematizar um conteúdo e colocar em prática. O mito da aula tecnológica está em achar que ao utilizar um notebook, por exemplo, resolveremos o problema da educação e do ensino ligado às TIC, mas é preciso ir além da utilização.

A aula tecnológica aqui pode ser lida como a aula que utiliza e faz propostas de atividades com ferramentas digitais. Deixamos claro que a tecnologia, segundo Lévy (1999), passa pelos três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática. O papel, a caneta, o quadro negro são importantes objetos tecnológicos, mas estamos falando de uma proposta centrada na tecnologia digital da era da informática, não como mídia (meio), mas como possibilidade de produzir novos sentidos, novas práticas, novos pensamentos.

Para Souza, Santos e Andrade (2015),

A escola, como formadora de cidadãos críticos, conscientes, autônomos e participativos exerce importante papel na sociedade. Diante disso, deve oferecer um ambiente pedagógico que propicie o

desenvolvimento de novos recursos didáticos para a construção e acréscimo do conhecimento no processo ensino e aprendizagem. Nesse sentido, não basta a disponibilidade das TIC na escola e sua utilização, os professores devem usá-las como ferramentas didáticas inovadoras em sua metodologia de ensino (SOUZA, SANTOS E ANDRADE, 2015, p.5).

As inúmeras ferramentas e objetos tecnológicos informacionais somados a um trabalho com gêneros textuais em uma aula de língua portuguesa, por exemplo, resultam em um amplo e evidente desafio para o professor. Desenvolver métodos eficazes de integração e usar os meios digitais como instrumento didático-pedagógico não é fácil, por isso, não há tanta aplicação nas práticas docentes e, conseqüentemente, interesse por parte dos discentes.

Esse mito, entretanto, tem de ser desconstruído e aulas interativas têm de serem propostas, pois conforme Oliveira e Castro (2016)

a interatividade e “digitalismo” vividos atualmente não são propriedades da máquina como alguns professores pensam. De fato, este é um momento polifônico, de vozes que precisam se juntar. Os professores ainda vivenciam, na educação, um modelo jesuítico em que a interação é mínima – isso quando ela ocorre –, enquanto os alunos já entraram num ritmo marcado pela participação e interatividade associadas às novas tecnologias. A geração digital é uma geração de resultados e não de processos silenciosos e contundentes, é uma geração de ação, do “já” e do “agora”, por isso talvez não tenha desenvolvido a paciência exigida para os processos de leitura e de escrita tal qual os conhecemos e ainda os praticamos. (OLIVEIRA E CASTRO, 2016, p.4)

A interatividade e dinamismo não são características exclusivas das máquinas, o que determinará a funcionalidade e atratividade destas é o próprio ser humano. A educação deve interagir com as tecnologias de forma ativa, atrair essa nova geração digital, por isso é preciso construir uma nova educação: uma nova aula de língua portuguesa.

3.3 Gêneros textuais: (novas) práticas sociais, (novos) textos

A compreensão no ensino de língua portuguesa deve perpassar pelo desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, seja na modalidade oral ou na escrita (digital ou não) e deve ser desenvolvida também por meio do ensino de diferentes gêneros textuais. Quando ensinamos gêneros, ainda o fazemos por meio do gênero “aula”. Laice Raquel Dias (2012) diz:

Entende-se por Gêneros Textuais entidades de natureza sociocultural que materializam a língua em situações comunicativas diversas. É um campo de estudo que tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, devido à percepção de sua relevância para o ensino de língua portuguesa e funcionalidade na vida cotidiana, nas incontáveis áreas que esta abrange. No cenário da educação, visualiza-se o livro didático como principal instrumento utilizado pelo professor para mediar o ensino da Língua Portuguesa e, em seu contexto, os Gêneros Textuais (DIAS, 2012, p.1).

O livro didático é um importante instrumento para trabalharmos os textos que traduzem as situações que vivemos no dia a dia. Ele é um bom suporte para o docente, que deve trabalhar a sistematização da gramática, as obras mais consagradas da literatura brasileira e outras questões. No planejamento do professor, entretanto, o livro não pode e nem deve ser o único instrumento para o desenvolvimento das atividades de aprendizagem.

Como já salientamos, desde a introdução desse trabalho, o mundo mudou, novas práticas de escritas borbulham em nossas redes sociais, são logadas nas telas de nosso computador, nas mensagens que nossos telefones recebem, portanto, sustentamos que a prática de ensino da língua deve mudar. Uma nova prática de ensino deve acontecer. Ela vai poder ser rica em textos de grandes autores, mas também será abundante em textos não-literários, mas de muita circulação sociocultural, que, atualmente, podemos compreender em textos digitais.

Nas palavras de Vilaça e Ribeiro (2015):

Nos últimos anos, questões como gêneros digitais, letramento digital, hipertexto, letramentos multissemióticos têm sido abordadas com crescente frequência em publicações e congressos. Parece ser evidente o reconhecimento de que a internet tem afetado as formas como lemos, produzimos textos, comunicamos e interagimos, gerando novos gêneros textuais que podem empregar diferentes possibilidades de características e recursos viabilizados pelo hipertexto. O uso da tecnologia digital para ler, escrever e divulgar

informações transformou radicalmente a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, introduzindo novos gêneros textuais, práticas discursivas e estabelecendo um novo paradigma nas ciências da linguagem. (VILAÇA E RIBEIRO, 2015, p.336)

A forma de ensinar deve estar contextualizada com a sociedade em que o discente é pertencente e os conteúdos são melhor assimilados quando são apresentados de forma significativa resultando na aprendizagem. Segundo Marcuschi (2004), no contexto da sociedade da informação, a internet propicia novas formas de comportamento comunicativo, os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são variados, mas são similares a outros ambientes, seja na forma oral como na escrita.

Os gêneros textuais devem ser trabalhados nas aulas, pois eles são capazes de explorar as competências comunicativas (oral ou escrita) dos discentes e emergem a cada instante, principalmente com o advento da tecnologia. Para isso, os recursos tecnológicos podem ser ferramentas que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Maurício Neves (2015):

os recursos de que o professor dispõe para ensinar gêneros textuais devem levar seus alunos à construção do conhecimento. Buscar a melhor forma de ensinar e aprender um determinado conteúdo é algo que sempre estará em evidência (NEVES, 2015, p.17)

As aulas de Língua Portuguesa devem ser dinâmicas e atraentes para os alunos. Quando há um diálogo entre o contexto do aluno e os conteúdos que serão ministrados, elas tendem a ser mais proveitosas. A tecnologia faz parte do meio em que vivemos, não podemos deixar de torná-la uma aliada às nossas práticas educacionais. Isso permitirá a aproximação do professor ao universo do aluno.

3.4 Nossa aula

A preparação da aula foi feita visando um gênero textual advindo das tecnologias da informação e os possíveis temas da importante redação do ENEM - prova de caráter nacional que dá possibilidade de entrada em universidades de todo o Brasil (ver plano de aula no Apêndice D). Pretendíamos com a nossa aula mostrar que a aula de português, mais especificamente, de produção textual aliada aos recursos informacionais, podia ser bastante atrativa e significativa para o aluno que está cursando o terceiro ano do ensino médio, prestes a fazer a redação do ENEM. Queríamos aplicar a nossa proposta de pesquisa que é o concatenamento da cibercultura, das TIC à aula de língua portuguesa, e assim o fizemos.

Na etapa de organização da aula, solicitamos à professora da turma que nos cedesse dois horários para cumprirmos uma etapa de nossa pesquisa. Ao fazermos o agendamento do laboratório de informática, tivemos um pouco de dificuldade, pois não conseguimos a liberação do espaço de forma imediata, o que foi considerado estranho: como poderíamos realizar uma aula de produção textual que utilizaria as TIC se não usássemos o laboratório de um curso que é integrado? As outras disciplinas que não são da área técnica também deveriam poder utilizar esse espaço para se fazer cumprir o que é orientado no projeto do curso de Informática.

Os alunos do terceiro ano do curso de Informática receberam a orientação de que eles teriam aula de língua portuguesa usando o laboratório de informática e alguns demonstraram até estarem surpresos com essa primeira proposta. Em cada computador do laboratório, inserimos um arquivo em PDF com exemplos de infográficos e uma lista de possíveis temas do ENEM 2017. Eram dezenove alunos ao total. Foi explicado que eles estavam participando da nossa pesquisa e os situamos em relação ao nosso projeto. Explicitamos ainda que estávamos trabalhando com muitos teóricos e que, com essa aula, poderíamos validar (ou não) a pesquisa que vínhamos fazendo.

Como contextualização inicial, falamos sobre o ENEM e a sua redação dissertativo-argumentativa, mostrando a sua importância nesse exame e quais são os elementos mais importantes desse tipo textual. Explicamos que iríamos usar o infográfico como planejamento de texto dissertativo-argumentativo. Defendemos que um texto bem planejado tem uma melhor composição, argumentos de autoridade,

hipóteses, justificativas e, por isso, optamos por pensar em formas de elaborar esse planejamento.

Assim sendo, explicamos que o infográfico é um exemplo de gênero textual e explicamos, à priori, superficialmente, o que é um infográfico e o que é um gênero textual e exemplificamos outros tipos de gêneros textuais. Ainda nesse conteúdo, perguntamos, por exemplo, se a aula é um gênero textual e os resultados dessa conversa levaram a acreditar que eles reconheciam o funcionamento dos gêneros textuais. Foi abordada ainda a existência de gêneros textuais orais, escritos e aqueles que existem nos meios da tecnologia da informação.

Dando prosseguimento a nossa aula, pedimos que eles abrissem o arquivo e visualizassem as características em comum das imagens. Eles mencionaram que havia balões, figuras, textos explicativos e explicaram o que cada elemento gráfico representava. Perguntamos de que gênero textual se tratava e eles demonstraram conhecer o gênero infográfico. Nesse momento, então explicamos mais sobre infográficos e escrevemos, na lousa, uma lista de possíveis temas do ENEM que foram previamente pesquisados por nós no Google.

Figura 2. Lista de possíveis temas do ENEM.

Lista dos possíveis temas do ENEM 2017:

1. Manifestações populares.
2. Justiça com as próprias mãos.
3. Alimentação saudável e exercícios físicos.
4. Grafites: entre o vandalismo e a arte.
5. Crise econômica do Brasil.
6. O sistema prisional brasileiro e os seus efeitos no século XXI.
7. Descriminalização das drogas.
8. Os cuidados com o idoso na sociedade brasileira.
9. O desafio do combate à pedofilia no Brasil contemporâneo.
10. Corrupção: uma questão cultural ou falta de controle?

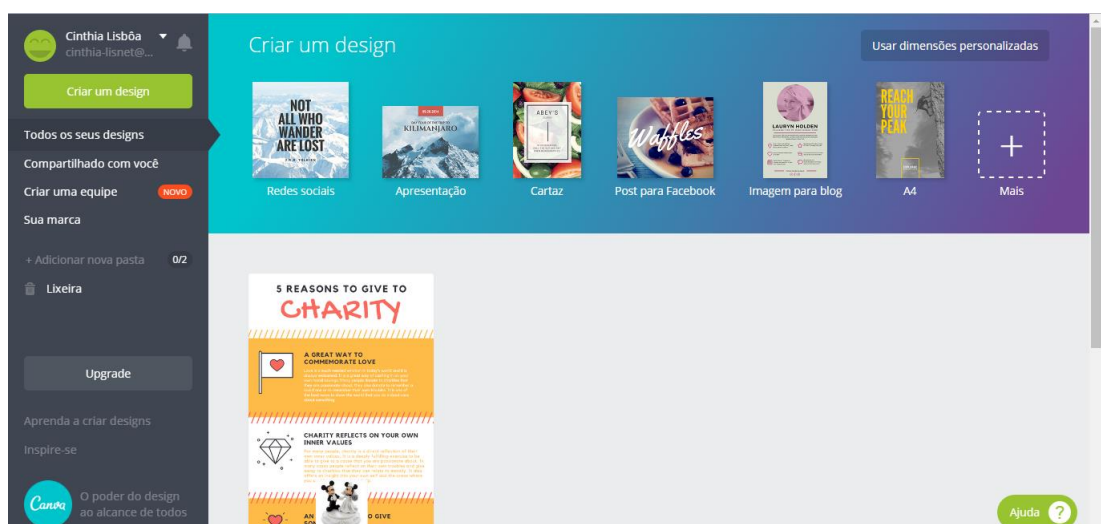
Fonte: pesquisa das autoras.

Anunciamos que faríamos uma votação para escolhermos o tema e o maior número de votos foi para o tema 7, Descriminalização das drogas. Nós orientamos os alunos a buscarem informações para produzir o infográfico/planejamento de texto dissertativo-argumentativo no site de buscas Google, porque, a partir do tema escolhido, eles teriam de defender uma tese e esta seria o posicionamento deles, podendo ser a favor ou contra. Tomado o posicionamento, os alunos precisariam embasá-lo e justificá-lo com argumentos que pudessem ajudar a reforçar a tese defendida.

A elaboração do infográfico visava trabalhar, além de uma espécie de roteiro que serviria como um planejamento para a produção textual sobre o assunto escolhido, as próprias características desse gênero como texto. A importância das imagens nesse exercício era essencial, por isso, também pedimos que a busca dessas ilustrações fosse cuidadosa, pois tinham de selecioná-las de forma relacionada ao tema. Alertamos em relação às figuras e a cada parte da produção, mostrando que um texto precisa ser objetivo e bem esquematizado.

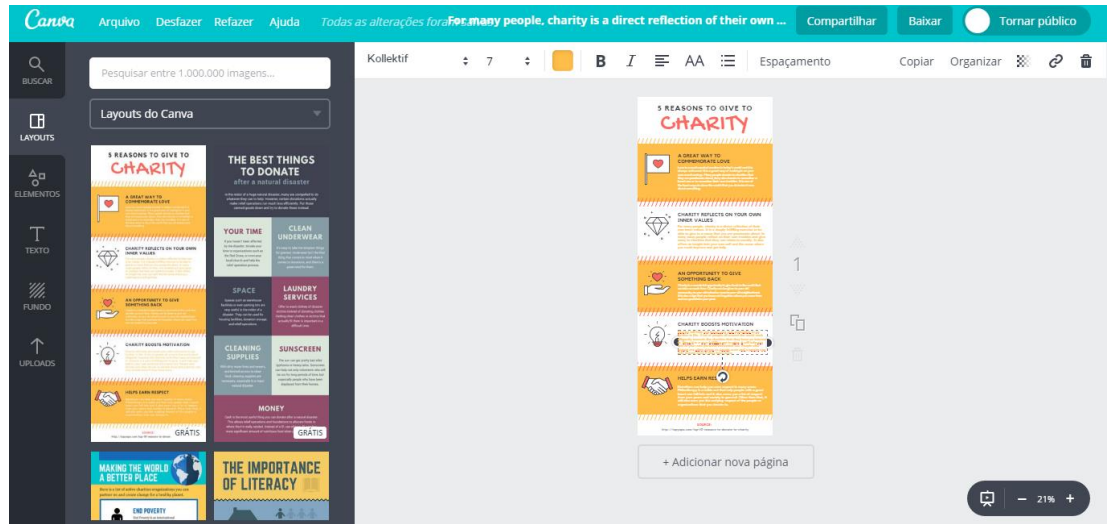
A ferramenta tecnológica utilizada para fazer esse diálogo proposto nessa pesquisa foi o site CANVA, que é gratuito, está traduzido para o nosso idioma e possui uma linguagem simples de acesso. Podemos, com esse site, criar modelos de cartazes, infográficos e, ao finalizarmos o trabalho, salvar como imagem ou no formato pdf.

Figura 3. Página inicial do CANVA.



Fonte: site Canva.

Figura 4. Página de criação de infográfico.



Fonte: site Canva.

O CANVA é bem intuitivo e de fácil utilização e o escolhemos porque, além dos fatores facilitadores apresentados no parágrafo anterior, ele permite selecionar formas, fundos, imagens em um banco de dados do próprio site ou do computador e escolher entre fontes para inserir textos. Há ainda a possibilidade de trabalhar com alguns infográficos prontos, para inspiração ou adaptação. Ou seja, pedagogicamente, esse site atendia a nossa proposta de uma produção textual com argumentos, figuras e elementos que pudessem atrair a atenção do leitor.

Figura 5. Alunos produzindo o infográfico.



Fonte: arquivo das autoras.

A atividade utilizando a ferramenta CANVA foi desenvolvida com sucesso. O objetivo era fazer um infográfico em grupo, pois imaginávamos, assim, uma melhor organização por conta do número de computadores do laboratório de informática. O fato de haver, no dia da aula, quase que proporcionalmente o número de computadores por aluno, trouxe a possibilidade de algumas produções serem feitas de forma individual, mudando um pouco o que havíamos pensado inicialmente, mas melhorando a forma de avaliação.

Em relação ao tempo, tínhamos duas horas/aulas e percebemos que foi limitado. Os alunos demoraram um pouco para pesquisar, debater sobre o tema e elaborar o infográfico, mas, no final, eles conseguiram se organizar e o fizeram. Um dos dezenove alunos teve dificuldade para criar o infográfico e precisou ser auxiliado individualmente. O problema do referido discente foi em relação à compreensão de como utilizar a ferramenta, mas o auxiliamos refazendo passo a passo e explicando novamente a proposta e a utilização do site.

Consideramos que, no decorrer de qualquer atividade, aparecerão dificuldades e que mesmo trabalhando as TIC com os alunos de Informática, um deles não respondeu de imediato à nossa proposta. Ressaltamos a importância do acompanhamento feito pelo professor nesse tipo de aula prática, pois poderão aparecer impasses no uso das ferramentas, na compreensão da proposta sugerida pelo docente, além de outros possíveis aspectos que, eventualmente, poderão surgir.

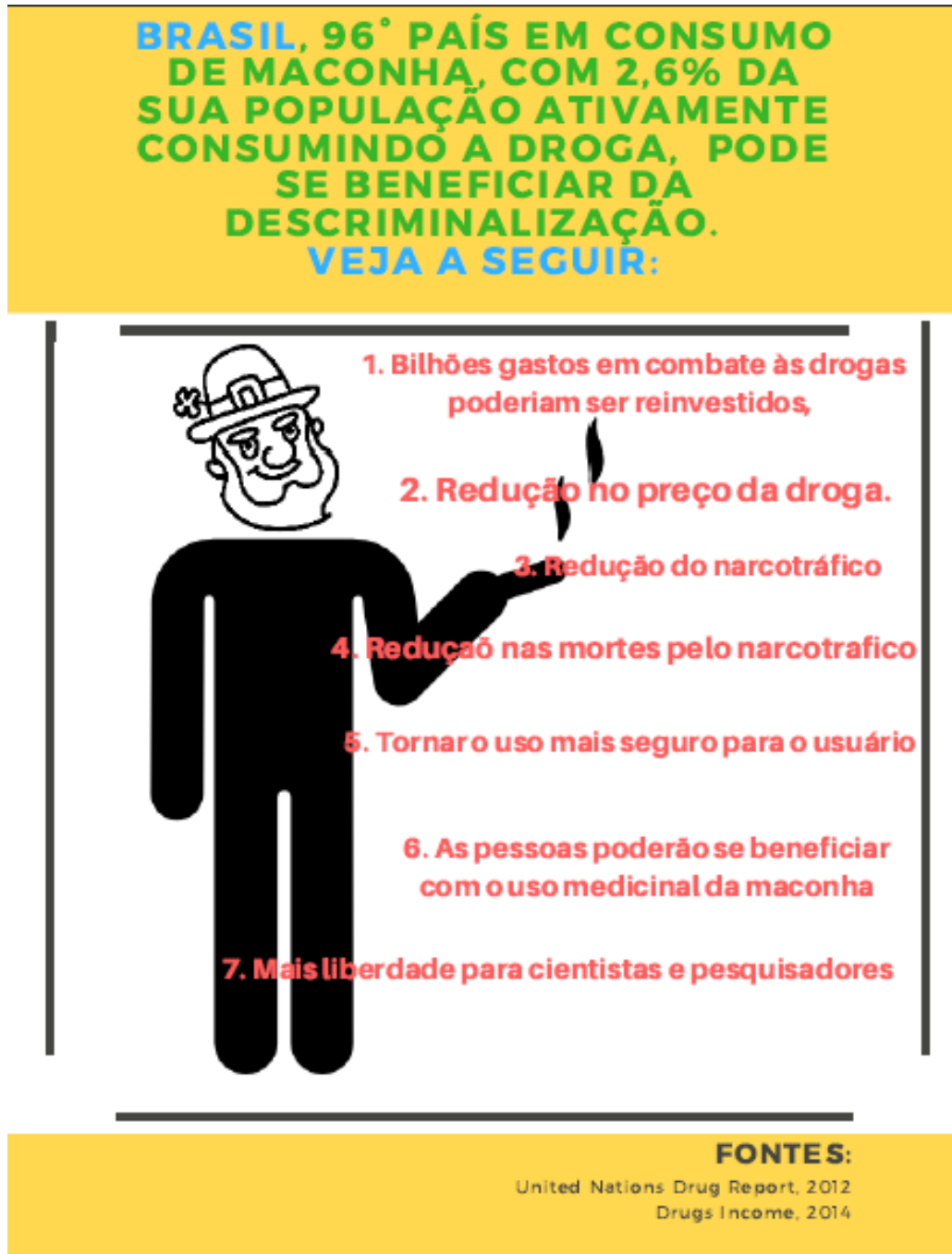
Após a feitura dos infográficos, as produções foram salvas no computador. Notamos a eficiência dos alunos ao selecionar e organizar tudo que foi pesquisado para a composição do infográfico. Classificamos também positivamente a existência de posições contrárias ao tema e outras a favor. Exemplificaremos a seguir duas propostas, ratificando esses posicionamentos diferentes e salutares a um assunto polêmico.

Figura 6. Exemplo A de infográfico produzido



Fonte: produção dos alunos.

Figura 7. Exemplo B de infográfico produzido



Fonte: produção dos alunos.

Os infográficos exemplificados utilizaram dados estatísticos em relação ao mercado, ao uso e aos impactos da descriminalização ou não da droga, pois tinham colocações que se contrariavam, justamente por se tratarem de pontos de vista diferentes. O exemplo A, contrário à descriminalização, utilizou como argumento a quantidade de usuários e os gastos que o governo brasileiro teve na internação e no tratamento de desintoxicação de alguns viciados, induzindo o leitor a pensar que

quanto mais pessoas usarem a maconha, maior vai ser o gasto público para essa situação. Já o exemplo B, apresentou que o Brasil tem muitos consumidores da droga e fez sete apontamentos que mencionavam os benefícios da legalização da venda da maconha com justificativas que iam desde a redução do narcotráfico até o uso em pesquisas científicas.

A partir da análise desses dois produtos, julgamos que os objetivos foram alcançados, pois foi perceptível a utilização de dados da pesquisa no Google como argumentos e justificativas que contribuíram para a defesa de suas teses. A linguagem verbal utilizada foi clara e de fácil compreensão, e juntamente com a não verbal, tornou efetiva a proposta de ter infográficos bem sistematizados.

Ao fazermos o desfecho da aula, queríamos receber dos alunos um retorno da nossa proposta e da nossa tentativa de contribuirmos para a melhora na relação ensino-aprendizagem. Assim, interrogados sobre a satisfação como desenvolvimento da atividade os alunos reagiram positivamente. Nosso segundo questionamento foi em referência à possibilidade de pensarem alguma vez poder trabalhar com o português e as TIC de forma associada e vimos que, momentaneamente, eles negaram esse pensamento. Afirmaram que gostaram da proposta, acharam útil e reclamaram, não só uma vez, o fator do curto tempo, pois queriam mais aulas para o desenvolvimento do infográfico.

Notamos o entusiasmo dos alunos, pois, participaram de forma ativa, criaram infográficos e pareciam estar motivados e interessados na aula. Como prova do sucesso dessa aula, explicitamos anteriormente os produtos, os infográficos produzidos pelos alunos e exemplificamos mais deles no Apêndice C. Ao final, percebemos que os nossos objetivos foram alcançados, proporcionando uma aprendizagem significativa. Os alunos ficaram motivados com a nossa proposta e esse fato foi importante, porque, sem eles, a nossa aula, que dialogou com as TIC, não seria concluída.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso curso de licenciatura em Letras Português/ Literaturas de Língua Portuguesa, fizemos inúmeras disciplinas relacionadas, especificamente, às gramáticas, aos clássicos literários e às questões pedagógicas. Além dessas clássicas, nos deparamos com uma das possíveis outras literaturas de Língua Portuguesa: a literatura cibercultural, a literatura digital, hipertextual, os jogos eletrônicos, objetos e repositórios educacionais.

Essas literaturas foram-nos apresentadas nas aulas de dois semestres em “Linguagens da Cibercultura” e “Tecnologias da Informação e da Comunicação e o Ensino de LP E LB”. Se não fossem apresentadas a esse universo de estudos culturais que faz diálogo com as letras e com a educação, talvez não pensaríamos em ter como objetivo de pesquisa de trabalho de conclusão de curso a seguinte questão: verificar a significância da tecnologia como aliada na aula de língua portuguesa.

Estudarmos as questões apresentadas pelas disciplinas citadas no parágrafo anterior nos fizeram ter um olhar diferenciado para a emergência da sala de aula: é preciso um diálogo tecnológico com a educação, sem qualquer mito, pois entendemos que é mítico considerar que ao usar um recurso da tecnologia da informática o docente ministre uma aula tecnológica e ao realizar uma aula tecnológica ele garanta a aprendizagem e a motivação do aluno.

Resolvemos atestar então, por meio de uma aula, em uma turma de terceiro ano do curso de Informática do IFFluminense, a diferença que o diálogo com a tecnologia e a interação da aprendizagem significativa do aluno faria em uma elaboração de um texto, que poderia ainda ser entendido como o planejamento de texto dissertativo-argumentativo, o que seria válido também para outras propostas de aula de língua portuguesa. Conseguimos, nesse trabalho, analisar e executar aquilo que foi planejado.

Ao alcançarmos os objetivos específicos de nossa proposta, identificamos o perfil do aluno de 3º ano do curso e tentamos compreender o seu posicionamento em relação ao uso de tecnologia na aula de língua portuguesa; buscamos conhecer quais eram as possíveis atividades significativas do ensino da língua portuguesa relacionadas ao uso das tecnologias num curso de Informática; planejamos uma

atividade baseada nas considerações dos alunos e a executamos em um laboratório de informática obtendo um bom retorno dos alunos.

Como primeiro objetivo de nossa pesquisa, buscamos identificar o posicionamento do aluno em relação às TIC no ensino de língua portuguesa por meio de perguntas. Para a nossa surpresa inicial, encontramos respostas que iam de encontro às que esperávamos desse público nativo digital. Ao analisarmos, de maneira geral, notamos que os alunos não se interessavam pelo uso das TIC na aula de língua portuguesa, porque, segundo eles, isso não acontecia de forma satisfatória, suficiente ou atraente. A nossa aula foi uma proposta para atrair os alunos, uma vez que alguns questionários específicos tinham falas contrárias a esse possível diálogo que estávamos tentando propor como meio facilitador da aprendizagem.

Isso nos mostrou que há pouco diálogo entre a língua portuguesa e atividades que usam a informática na sala de aula, e pouca motivação para qualquer atividade da disciplina língua portuguesa que envolvesse aquilo que eles trabalhavam e estudavam com frequência em seu curso de formação integrada.

Os posicionamentos encontrados nos questionários, apesar de terem sido contrários às nossas expectativas, nos desafiaram a elaborar uma aula em que eles pudessem ver esse diálogo acontecer e percebessem que, com ele, a aprendizagem poderia ser facilitada. Queríamos com essa proposta contribuir para que houvesse um reconhecimento da importância das TIC na sala de aula de língua portuguesa e, ao concluirmos essa etapa, os alunos nos responderam de maneira satisfatória.

Ainda que estivéssemos fazendo a nossa pesquisa em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, não conseguimos de maneira facilitada utilizarmos laboratórios de informática e seus computadores com acesso à internet para executarmos a nossa aula, que afirmaria nossa proposta de trabalho. Imaginamos, então, que se essa proposta fosse em outra realidade escolar ou se fosse realizada em todos os dias de aula de português, propostas como essas não seriam viáveis, visto que, mesmo em um instituto tecnológico tivemos dificuldades. O problema do uso da tecnologia em sala de aula como atividade proposta é muito mais complexo do que o que fizemos: selecionar uma aula para pensarmos em usar um infográfico como forma de planejamento para um texto dissertativo-argumentativo.

Não temos a intenção, portanto, de fazer com que a nossa proposta de aula seja a única forma de melhorar todos os problemas da educação ou mostrar que só com a tecnologia a aula de língua portuguesa é prazerosa. Nosso propósito foi mostrar que há caminhos de aula(s) de português que alcançam uma interação com as tecnologias da informática, contribuem no processo de ensino e aprendizagem e que podem ser exercitados.

O trabalho teve um resultado positivo e isso foi animador e motivador, porque conseguimos trazer as TIC como atividade de língua portuguesa e, também, o interesse dos alunos para a produção textual.

Como é um assunto que precisa ser melhor discutido, mais pesquisas e propostas de aulas como essas ou diferentes podem e devem ser produzidas. A tecnologia está presente na nossa sociedade e não podemos ignorá-la ou somente usá-la como suporte. Utilizar o infográfico como uma ferramenta de uma aula trouxe contribuições para o ensino de língua portuguesa, o que nos leva a perceber que, se as TIC são usadas como atividade, a aprendizagem se torna mais encantadora e significativa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- CALEGARI, Denise Aparecida e PERFEITO, Alba Maria. *Infográfico: possibilidades metodológicas em salas de aula de Ensino Médio*. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 291-307, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/15170/13190>>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- CUNHA. Hélia Coelho Mello. *Leitura e Produção Textual II*. Campos dos Goytacazes: IFFluminense campus Campos-Centro. Licenciatura em Letras. 2013. 48 p.
- DIRLIC–IFFluminense. Cursos. *Licenciatura em Letras Apresentação*. Disponível em: <<http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/cursoslicenciatura/licenciatura-em-letras>> Acesso em: 20 nov. 2016.
- DIAS, Laice Raquel. *Gêneros Textuais para a produção de textos escritos no livro didático*. Anais do SIELP. v. 2, n. 1 Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_166.pdf> . Acesso em: 20 de Nov. 2016.
- IFFLUMINENSE. ASCOM REITORIA. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2014*. Disponível em: <<http://portal1.iff.edu.br/conheca-o-iffuminense/pdi-2010-2014.pdf/view>> Acesso em 15 mai. 2016.
- IFFLUMINENSE campus CAMPOS-CENTRO, Curso Técnico Integrado de Informática. *Projeto Pedagógico Técnico de Informática Integrado*. 2012.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. *ADEUS PROFESSOR, ADEUS PROFESSORA? Novas exigências educacionais e profissão docente*. Editora Cortez, 2001. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F136199%2Fmod_resource%2Fcontent%2F0%2FADEUS_PROFESSOR_ADEUS_PROFESSORA.pdf>. Acesso em: 03 set. 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. Cortez. 2. ed. 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MEC. *Parecer CNE/CEB Nº 39/2004*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_parecer392004.pdf>. Acesso em: 02 set.2016.

MEC/INEP. *A redação no ENEM 2012 Guia do Participante*. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/guia_participante_redacao_enem2012.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2017.

MÓDOLO, Cristiane Machado. *Infográficos: características, conceitos e princípios básicos*. Disponível em: <<http://www.aligattor.com.br/cdromparacongresso/resumos/R0586-1.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

NEVES, Mauricio dos Santos. *Estratégias para o ensino de gêneros textuais com utilização de moocs em dispositivos móveis*. 2015. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância). Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco. Disponível em: <http://ww5.ead.ufrpe.br/ppgteg/pdf/2015/dissertacoes/Mauricio_Neves.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

OLIVEIRA, Tatiane Fernandes de Souza e CASTRO, Adriane Belluci Belório de. *Rede social como recurso didático-pedagógico: possibilidade de uso na aprendizagem de língua portuguesa*. (2016) Disponível em: <<http://www.sied-enped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1578>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos; BORTOLOTO Nelita; MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva; DEBUS, Eliane Santana Dias. *Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura* - Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 194 p. : il. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/fundamentos_e_metodologia_lingua_portuguesa_literatura/metodologia_do_ensino_da_lingua_portuguesa_e_literatura.pdf> Acesso em 15 mai. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRENSKY, Marc. *Nativos digitais, Imigrantes digitais*. NCB University Press 2001 Traduzido por Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf> Acesso em: 20 de nov. 2016.

PRENSKY, Marc. *O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. Conjectura*. v. 15, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/335/289%20>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SILVA, Sani de Carvalho Rutz da; SCHIRLO, Ana Cristina. *Teoria da aprendizagem significativa de Ausubel: reflexões para o ensino de física ante a nova realidade social. Imagens da Educação*, v. 4, n. 1, 2014. Paraná. p. 42.

SOUZA, Renildes, SANTOS, Maristela e ANDRADE, Jandira. *Uso das tecnologias nas escolas: impasses e possibilidades*. 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1338/154>> Acesso em: 20 nov. 2016.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa e RIBEIRO, Simone Regina de Oliveira. *Interfaces entre tecnologia e linguagem: gêneros textuais digitais*. 2015. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/1814/pdf_221>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ZIMRING, Fred. *CARL ROGERS*; tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Apêndices

Apêndice A - Questionário para alunos do curso Técnico Integrado de Informática

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Curso: Licenciatura em Letras (Português/Literaturas de Língua Portuguesa) -

Disciplina: TCC I -Discentes: Cinthia Pinheiro Lisbôa e Rhaísa Sampaio Bretas

Orientador: Professor Ronaldo Adriano Freitas

1) Idade:

a) 14 a 15

b) 16 a 17

c) 17 a 18

d) mais de 18

2) Ano de entrada no IFF:

a) antes de 2013

b) 2013

c) 2014

d) 2015 ou 2016

3) Série do Ensino Médio:

a) 1°

b) 2°

c) 3°

4) Você utiliza as tecnologias da informação e comunicação (TIC) no seu dia a dia?

a) Nunca

b) Raramente

c) Às vezes

d) Sempre

5) Como você avalia o uso das TIC nas aulas de Língua Portuguesa?

a) Insuficiente

b) Regular

c) Bom

d) Excelente

6) Você consegue perceber a integração da disciplina de Língua Portuguesa com as disciplinas específicas do curso de Informática?

a) Sim

b) Às vezes

c) Raramente

d) Nunca

7) No ensino médio, aprende-se textos como: charges, tirinhas, resenhas, contos, relatórios,entre outros. Como você gostaria de aprender a produzir esses textos utilizando as TIC?

Obrigadas! A sua atenção e participação foram valiosas para a nossa pesquisa!

Apêndice B - Respostas transcritas do questionário referentes à última pergunta

Respostas transcritas do questionário referente à pergunta: "No ensino médio, aprende-se textos como: charges, tirinhas, resenhas, contos, relatórios, entre outros. Como você gostaria de aprender a produzir esses textos utilizando as TIC?"

Resposta A: "seria muito interessante aprender a fazer charges e tirinhas usando algum programa. Criar um site e nele escrever textos jornalísticos, contos, resenhas, etc."

Resposta B: "acredito que seria interessante, principalmente, para os textos que possui características visuais desenvolver em PCs ou outras tecnologias."

Resposta C: "integrando com temas relacionados à área da TIC."

Resposta D: "com o uso de tablets, notebooks. Ou produzir textos relacionados as disciplinas específicas de info."

Resposta E: "fazendo pesquisas na internet; utilizando tablets, notebooks e celulares; digitando todos os textos neles."

Resposta F: "realizando todos estes textos em formato digital."

Resposta G: "gostaria de aprender utilizando e-books!"

Resposta H: "com o uso de computadores."

Resposta I: "gostaria de aprender a dissertar texto técnico."

Resposta J: "gostaria de aprender textos técnicos."

Resposta K: "sim."

Resposta L: "com certeza."

Resposta M: "analisando outros contos de outros artistas para me inspirar e produzir"

Resposta N: "no Ensino Médio até aprendemos, mas não aprendi quase nada na disciplina de português. O jeito que me derem para aprender tá bom."

Resposta O: "não gostaria, prefiro papel e caneta."

Resposta P: "não tenho interesse em aprender a produzir esses textos utilizando as TICs"

Resposta Q: "não sei como poderia produzir esses textos."

Resposta R: "não sei"


Resposta S: "não sei"


Resposta T: "não sou capaz de opinar."


Resposta U: "não sou capaz de opinar."


Resposta V: "nada a declarar."


Legenda:


 acham interessante produzir gêneros textuais utilizando programas ou outras tecnologias;


 desejam aprender a produzir textos com a temática das TIC (textos relacionados à área deles);


 querem aprender a produzir os gêneros textuais em meio digital (valorizam o formato digital);


 dois alunos gostariam de aprender como escrever textos técnicos (uma aplicabilidade da integração da disciplina Língua Portuguesa à área técnica);

 um aluno gostaria de contos de artistas para o ajudar a se inspirar a produzir (ele restringiu apenas ao gênero textual conto e não mencionou nada sobre as TIC);

 dois alunos apenas afirmam que gostariam de aprender a produzir os textos (têm o interesse, mas não citaram formas de como gostariam);

 um aluno diz que não aprendeu muito em Português e a forma com que ensinarem está boa;

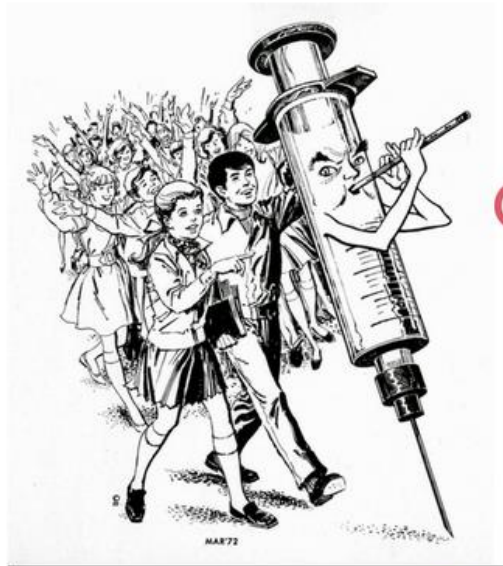
 dois alunos não têm interesse em utilizar as TIC para produzir textos (preferem a maneira tradicional "papel e caneta")

 cinco alunos não sabem como produzir ou se consideram incapazes de opinar (isso mostra o desconhecimento deles).

Apêndice C - Outros exemplos de infográficos produzidos pelos alunos
Exemplo C.

Porque não descriminalizar as Drogas

drogas?... diga Não



As drogas são as maiores financiadoras da criminalidade

Fluxos principais do tráfico de cocaína

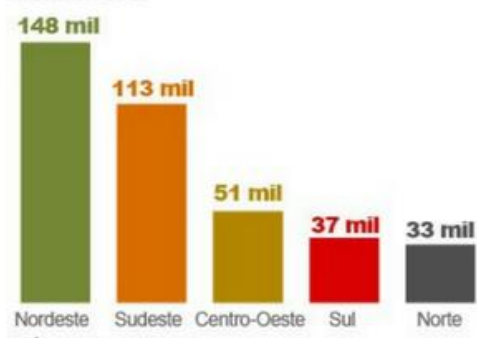


Beatriz Duarte



Consumo regular de crack e similares por região do Brasil

Estudo da Fiocruz estima número de usuários durante 6 meses em 2012*



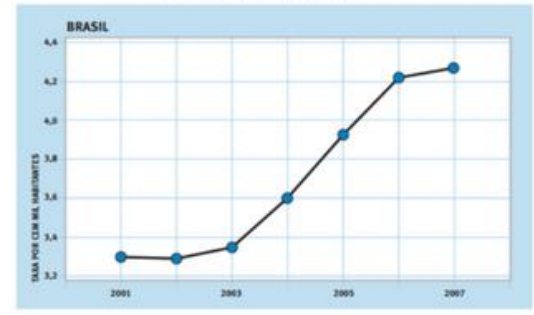
*Números aproximados



g1.com.br Infográfico elaborado em 19/9/2013

SINCE 1611

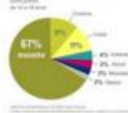



Evolução do número de óbitos associados ao uso de drogas por 100.000 habitantes. Brasil, 2001 a 2007.




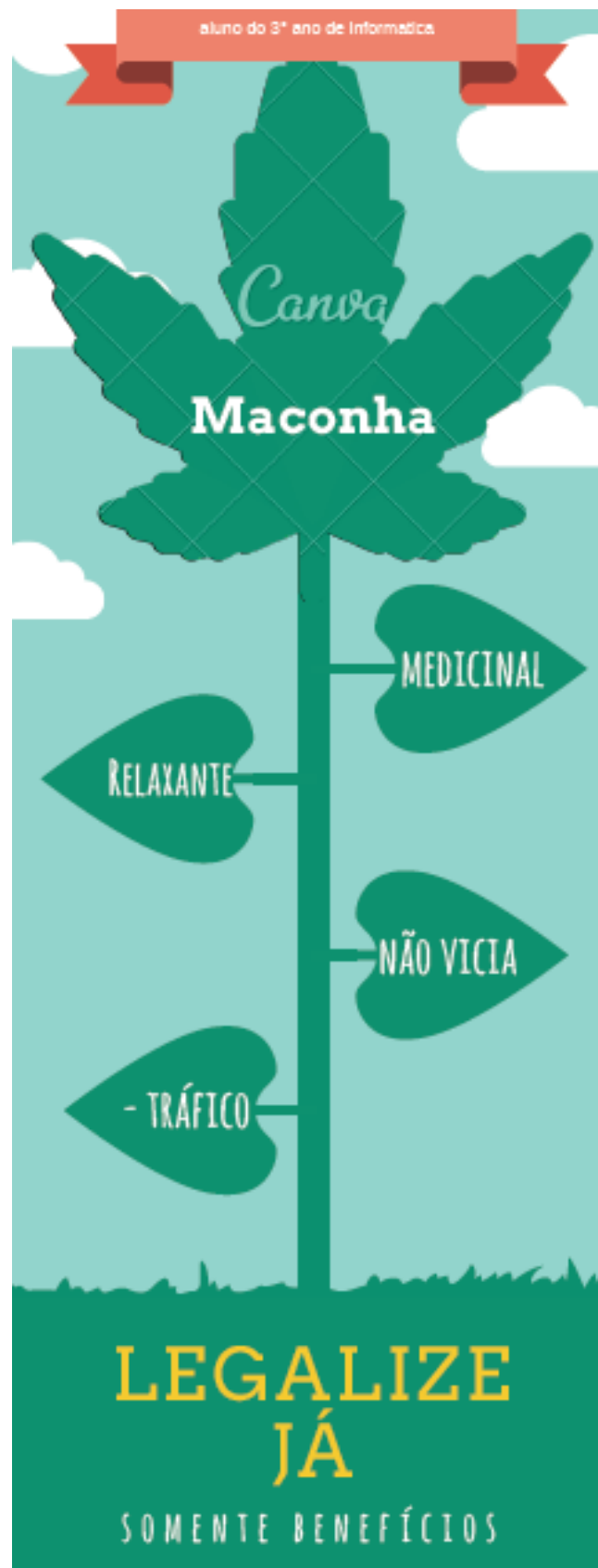
As drogas mais usadas







Exemplo D.



Apêndice D – Plano da aula realizada

PLANO DE AULA

Tema: Infográfico: planejamento de texto dissertativo

Delimitação do tema: O gênero textual infográfico como planejamento de texto dissertativo para possíveis temas do ENEM 2017

Objetivos da nossa aula:

Geral: Desenvolver a capacidade do aluno para planejar a produção de um texto dissertativo-argumentativo utilizando um infográfico.

Específicos:

- Discutir e identificar possíveis temas do ENEM 2017;
- reconhecer o gênero textual infográfico;
- elaborar um roteiro de um planejamento de texto por meio do infográfico e
- delimitar temas e levantar questionamentos para argumentar em seu texto.

Procedimentos Metodológicos:

Contextualização inicial: A conversa inicial da aula será sobre a redação do ENEM e sobre como a tecnologia pode ajudar nessa questão.

Desenvolvimento da aula: Após a conversa inicial, dividiremos a turma em grupos, os quais ficarão em computadores separados. Cada microcomputador conterá uma pasta no desktop com exemplos de infográficos. Eles visualizarão o material e serão questionados sobre o que é gênero textual, se sabem identificar qual é o gênero textual da pasta e as principais características. Após esse momento, explicaremos o conceito de gênero textual, o que são infográficos e as suas principais características.

Avaliação:

Mostraremos uma lista de possíveis temas para a redação do ENEM 2017, e chegaremos a um consenso com a turma sobre qual tema será abordado. A partir do tema escolhido, pediremos para que eles busquem informações sobre o tema. Nessa busca, o aluno deverá pensar e colher dados para embasar seus possíveis

argumentos, colher exemplos e dados estatísticos. Após a breve pesquisa, eles criarão um infográfico utilizando a ferramenta online que disponibilizaremos (**canva**). Depois disso, eles apresentarão os infográficos para a turma.

Lista dos possíveis temas do ENEM 2017 pesquisados no Google.

1. Manifestações populares.
2. Justiça com as próprias mãos.
3. Alimentação saudável e exercícios físicos.
4. Grafites: entre o vandalismo e a arte.
5. Crise econômica do Brasil.
6. O sistema prisional brasileiro e os seus efeitos no século XXI.
7. Descriminalização das drogas.
8. Os cuidados com o idoso na sociedade brasileira.
9. O desafio do combate à pedofilia no Brasil contemporâneo.
10. Corrupção: uma questão cultural ou falta de controle?